

Enfoque Interdisciplinar na Educação do Campo

Jorge González Aguilera
Alan Mario Zuffo
(Organizadores)



Jorge González Aguilera
Alan Mario Zuffo
(Organizadores)

Enfoque Interdisciplinar na Educação do Campo

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E56	Enfoque interdisciplinar na educação do campo [recurso eletrônico] / Organizadores Jorge González Aguilera, Alan Mario Zuffo. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-454-2 DOI 10.22533/at.ed.1842190605 1. Antropologia educacional. 2. Brasil – Condições rurais. 3. Educação rural – Brasil. 4. Pesquisa educacional. I. Aguilera, Jorge González. II. Zuffo, Alan Mario. CDD 370.193
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Enfoque Interdisciplinar na Educação do Campo*” aborda uma publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 12 capítulos, conhecimentos tecnológicos e aplicados ao ensino no campo.

Este volume dedicado a pesquisas ligadas a Educação do Campo traz em seus capítulos uma variedade de artigos dirigidos a mostrar o direcionamento atual das políticas públicas e privadas encaminhadas a promover o ensino no campo. O campo que gera tantas riquezas e que dele depende o nosso acesso a alimentos, precisa ter um incentivo educacional não só direcionado ao aumento da produção e também direcionado aos homens e mulheres que fazem dele seu dia a dia. A adaptação das atividades pedagógicas nas universidades ligadas a cursos como Biologia e Agronomia direcionadas a pesquisas educacionais, interdisciplinaridade do conhecimento, uso de ferramentas computacionais, o papel do professor como alfabetizador no campo, entre outros temas, são abordados neste livro.

Agradecemos aos autores dos diversos capítulos, pela dedicação e esforços sem limites, que viabilizaram esta obra que retrata alguns dos recentes avanços científicos e tecnológicos na Educação Ambiental no Campo, os agradecimentos dos Organizadores e da Atena Editora.

Por fim, esperamos que este livro possa colaborar e instigar mais estudantes, professores e pesquisadores na constante busca de novas tecnologias e aplicações do ensino no cotidiano da vida no campo, assim, contribuir na procura de novas políticas, pesquisas e tecnologias que possam solucionar os problemas que enfrentamos no dia a dia.

Jorge González Aguilera
Alan Mario Zuffo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO	
Ramofly Bicalho Aline Abbonizio	
DOI 10.22533/at.ed.18421906051	
CAPÍTULO 2	13
ABORDAGEM HISTÓRICA DA ALQUIMIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO QUÍMICO	
Abecy Antonio Rodrigues Neto Naiton Martins da Silva Junio Moraes Rodrigues Juliano da Silva Martins de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.18421906052	
CAPÍTULO 3	24
CONHECENDO E RECONHECENDO O CAMPO: RELATO DE UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Rayffi Gumercindo Pereira de Souza Fernanda de Lourdes Almeida Leal	
DOI 10.22533/at.ed.18421906053	
CAPÍTULO 4	34
DELINEANDO CAMINHOS PARA SUPERAÇÃO DO TRADICIONALISMO NO ENSINO DE QUÍMICA	
Sara Cristina Bernardes Correia Jheyce Caroline Souza Barcelo Poliana Sousa da Cruz Juliano da Silva Martins de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.18421906054	
CAPÍTULO 5	44
EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A INCLUSÃO DIGITAL	
Cíntia Morales Camillo Liziany Müller Medeiros Janete Webler Cancelier	
DOI 10.22533/at.ed.18421906055	
CAPÍTULO 6	59
EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO, ENSINO SUPERIOR E TRABALHO: REFLEXÕES SOBRE DESAFIOS E CONQUISTAS NESSE CENÁRIO	
Welber Eduardo Vaz Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso Leite	
DOI 10.22533/at.ed.18421906056	
CAPÍTULO 7	74
INTERDISCIPLINARIDADE: ENTRELACANDO O CONHECIMENTO	
Maria Helena Romani Mosquen Jacinta Lúcia Rizzi Marcom	
DOI 10.22533/at.ed.18421906057	

CAPÍTULO 8	81
LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA NAS ESCOLAS DO CAMPO DA 17ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO RS	
Liziany Müller Medeiros	
Alexandra Buzanelo Schossler	
Juliane Paprosqui Marchi da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18421906058	
CAPÍTULO 9	93
MÚSICA E CURRÍCULO NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFT/ARRAIAS: A FORMAÇÃO DO EDUCADOR MUSICAL	
Aparecida de Jesus Soares Pereira	
Waldir Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18421906059	
CAPÍTULO 10	108
PROFESSORES ALFABETIZADORES NO CAMPO: ORIENTAÇÕES A PARTIR DE UMA POLÍTICA NACIONAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Carla Fernanda Figueiredo Felix	
Maria Iolanda Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.184219060510	
CAPÍTULO 11	122
TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO MEDIADORAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA DO CAMPO INTENDENTE MANOEL RIBAS	
Larissa Schlottfeldt Hofstadler Deiques	
Liziany Muller Medeiros	
Luciane Maffini Schlottfeldt	
DOI 10.22533/at.ed.184219060511	
CAPÍTULO 12	134
TRANSFORMAÇÕES TÉCNICO-PRODUTIVAS NA PRAIA DA LONGA/RJ	
Suelen da Silva Chrisostimo	
Elianeide Nascimento Lima	
DOI 10.22533/at.ed.184219060512	
CAPÍTULO 13	144
INCLUSÃO DO PROGRAMA ESCOLA ATIVA E AS CLASSES MULTISSERIADAS: HISTÓRIA, ESTRATÉGIAS E EMERGÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Lucas Carlos Martiniano de Almeida	
Marta Waleria Marques Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.184219060513	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	154

CONHECENDO E RECONHECENDO O CAMPO: RELATO DE UMA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Rayffi Gumerindo Pereira de Souza

Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande – Paraíba

Fernanda de Lourdes Almeida Leal

Universidade Federal de Campina Grande
Campina Grande - Paraíba

RESUMO: Partindo do reconhecimento da importância dos espaços rurais em seus diversos aspectos na formação do Brasil, olharemos, neste artigo, para o aspecto educacional. Compreendemos que esses espaços possuem valores sociais, são diversos (ARROYO, 2012), vivos (FERNANDES, 2004), ricos culturalmente e com potencial educativo. Tal compreensão é verificada na área emergente e no *conceito-movimento* (LEAL, 2012) Educação do Campo, que considera o campo, os modos de vida que se processam neste espaço e os camponeses como atores fundamentais à produção de um processo educativo contextualizado (REIS, 2004). Depois de realizar algumas considerações dos pontos de vista histórico e teórico a respeito do campo e da Educação do Campo, relatamos nossa primeira experiência prática nesse contexto, momento no qual constatamos que o campo possui especificidades, apesar de manter relações permanentes com a sociedade mais geral, devendo tais especificidades ser consideradas nas práticas pedagógicas das

escolas inseridas em espaços rurais. Na experiência aqui relatada, apresentaremos a descrição de algumas vivências realizadas com as crianças durante o processo educativo em uma instituição educacional situada em uma comunidade rural da Paraíba, evidenciando nossa postura profissional, que teve como base o conhecimento e o reconhecimento do campo e seus sujeitos e a consideração de sua riqueza em termos subjetivos, ambientais e educativo. Nossas práticas pedagógicas consideraram as vivências cotidianas das crianças, suas culturas e seus modos de vida, reconhecendo-os como fundamentais à construção de uma Educação do Campo significativa para aqueles sujeitos crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Campo; Educação do Campo; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: Starting from the recognition of the importance of the rural zones on their different aspects in the formation of Brazil, on this paper we'll look at the educational aspect. We understand that these spaces have social values, they are diverse (ARROYO, 2012), alive (FERNANDES, 2004), culturally rich and with educational potential. Such comprehension is verified in the emerging area and on the *movement concept* (LEAL, 2012) Education on the farm, that considers the farm, the modes of life which are processed on this space and

the peasants as the fundamental characters of the production of a contextualized educational process (REIS, 2004). After we accomplished some considerations of the historical and theoretical points of view about the farm and the Education on the farm, we narrated our first practical experience on this context, moment which we perceived that the farm has specificities, though it keeps permanent relationships with the society in general, such specificities should be considered in the Pedagogical practices of the schools inserted in rural spaces. On this experience narrated here, we'll present the description of some experiences which were carried out with the children during the educational process in one educational institution located in a rural community in the state of Paraíba, establishing our professional position, which had as our basis the knowledge and recognition of the farm and its characters and the consideration of its wealth in subjective, environmental and educational terms. Our pedagogical practices considered the daily experiences of the children, their culture and their ways of life, recognizing them as fundamental to the construction of one significant education on the farm for those childish subjects.

KEYWORDS: Farm; Education on the farm; Pedagogical practices.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um conjunto de reflexões a respeito do campo e da Educação do Campo. Essas reflexões foram construídas a partir de uma linha de raciocínio que aborda inicialmente as ideias de Sérgio Buarque de Holanda (1995), quando discorre sobre a importância de reconhecer que nós, brasileiros, possuímos uma herança rural, uma vez que o meio rural, o campo, possui uma gigantesca participação no processo de construção desse país, desde a colonização, em vários sentidos e aspectos. Em seguida, trazemos algumas considerações sobre o *conceito-movimento* Educação do Campo (LEAL, 2012), que consiste em um projeto de sociedade e educacional que considera o campo e os sujeitos do campo como protagonistas de suas histórias e de seus processos educativos, sendo partícipes de uma visão política, social, cultural e econômica. E, por fim, relatamos uma experiência nossa, enquanto professores de uma escola situada em zona rural. Para formulação e elaboração dessas reflexões, dialogamos com alguns teóricos que vêm contribuindo com o pensamento sobre o campo brasileiro e a Educação do Campo.

Consideramos importante um estudo dessa natureza uma vez que é notória, em nossa sociedade, as marcas de preconceito, discriminação e negatividade sobre o meio rural. Geralmente, existe um imenso desconhecimento de que foi no campo que “nasceu” o nosso país, com seus problemas, avanços, culturas, modos de produção, entre outros fatores. Outro aspecto que deve ser considerado como relevante nas reflexões que constam nesse trabalho é o entendimento de que existe uma perspectiva educacional, que pensa o campo de uma maneira contextualizada e com significados (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011). Portanto, um dos nossos objetivos é contribuir para o reconhecimento do campo enquanto lugar de valor, de vivacidade e diversidade,

bem como para um maior conhecimento da existência da categoria Educação do Campo, na direção de trazer um pouco de como essa se constitui.

Para produção desse artigo, realizamos uma reflexão sobre as abordagens dos seguintes temas: herança rural do Brasil e Educação do Campo. No caso dessa última, considerando-a enquanto conceito original e enquanto movimento que abarca princípios educacionais, culturais e políticos dos e para os povos do campo. Para tal, dialogamos com os estudos de Sérgio Buarque de Holanda (1995), especificamente com o seu livro *Raízes do Brasil*, como também nos apoiamos nas ideias de Roseli Caldart (2002; 2005; 2008), Bernardo Fernandes (2005), Miguel Arroyo, Caldart & Mônica Molina (2011) e Henri Mendras (1969). Por fim, realizamos um estudo descritivo, tipo relato de experiência, que teve como base de sua fundamentação uma análise qualitativa de uma experiência que tivemos enquanto profissionais da educação, atuando em uma escola municipal do estado da Paraíba, situada na zona rural do município de Campina Grande, durante o ano de 2017.

2 | CONHECENDO A IMPORTÂNCIA DO MEIO RURAL NA FORMAÇÃO DO BRASIL A PARTIR DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Neste tópico, faremos uma breve reflexão a respeito da relação do rural com a formação contemporânea do Brasil, dos pontos de vista histórico, social, cultural e econômico. Nossas considerações se dão a partir do livro “*Raízes do Brasil*” (HOLANDA, 1995), mais precisamente do seu terceiro capítulo, intitulado “Herança Rural”. O texto de Holanda é muito claro no que se refere à grande importância do meio rural para a história do nosso país. Ele inicia esclarecendo que “toda estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos” (HOLANDA, 1995, p. 73). Isto é, todo o fundamento que sustentou a colônia não advinha dos espaços urbanos, mas sim do meio rural, considerando que a civilização que os portugueses impuseram ao Brasil foi indiscutivelmente de raiz rural.

Destacamos alguns acontecimentos que demonstram que nossas bases históricas são rurais, como o sistema monárquico existente no Brasil, que era formado por fazendeiros, “donos” de escravos, e por seus filhos que desenvolviam profissões de caráter liberal e que se inseriam na política, dando continuidade à estrutura de dominação dos seus pais. Em 1851, funda-se o Banco do Brasil. Em 1852, é inaugurada a primeira linha telégrafo da cidade do Rio de Janeiro. Em 1853, é aberto o Banco Rural e Hipotecário. E, em 1854, é liberada ao tráfego a primeira linha de estradas de ferro do país. Concomitante a isso, também ocorreu a supressão do tráfico negreiro. A grande vontade de enriquecimento por parte das famílias era visível, mediante os créditos livres ofertados pelos bancos, que eram comandados pelos britânicos europeus (HOLANDA, 1995). Sobre isto, evocando um depoimento citado por Nabuco, Holanda descreve,

Antes bons negros da costa da África para felicidade sua e nossa, a despeito de toda a mórbida filantropia britânica, que, esquecida de sua própria casa, deixa morrer de fome o pobre irmão branco, escravo sem senhor que dele se compadeça, e hipócrita ou estólida chora, exposta ao ridículo da verdadeira filantropia, o fado do nosso escravo feliz. Antes bons negros da costa da África para cultivar os nossos campos férteis do que todas as tetéias da rua do Ouvidor, do que vestidos de um conto e quinhentos mil-réis para as nossas mulheres, do que laranjas e quatro vinténs cada uma em um país que as produz quase espontaneamente, do que milho e arroz, e quase tudo que se necessita, para o sustento da vida humana, do estrangeiro. (HOLANDA, 1995, p. 77-78).

Esta citação explicita a dicotomia existente entre as formas de funcionamento social primárias do Brasil e a relevância dada às características rurais, que são muito fortes e marcantes. Muitos conflitos se sucediam e, um deles, talvez o que compile todos, pode ser colocado numa pergunta: Como alcançar mudanças de fato profundas em um país a partir de novos instrumentos e órgãos que caracterizam um modelo de sociedade diferente, se suas bases ainda estão vivas e presentes e podem ser percebidas em seus fundamentos tradicionais, em fazendas produtoras de riquezas por meio da exploração dos negros, na produção rural, dentre outros? Na vida rural brasileira, base de nossa história, raiz de nosso país, a autoridade nas decisões era inquestionavelmente dos proprietários de terras, os fazendeiros. Nada poderia contrariá-los. O engenho era de fato um organismo social. Nele, havia escola, onde padres ensinavam. Havia, também, hospedagens para os visitantes, produção e distribuição de alimentos, serrarias para fabricação de móveis e outros objetos.

Enfim, era um reduto que comportava cada personagem em seu lugar de trabalho e, no caso dos fazendeiros, lugar de tomada de decisões (referentes ao engenho, mas também aos fatos que se davam na cidade). A família do senhor de engenho era tida como um órgão social portador de poder, possuidora de autoridade para participar das decisões da sociedade. Sobre essa relação que havia entre os fazendeiros e a tomada de decisões na sociedade, destacamos a seguinte afirmação de Holanda (1995, p. 82), “a entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública”. Notamos com clareza que o público estava sob a tutela do privado. Além disso, outro fator que merece ser destacado diz respeito à forte presença da religiosidade cristã-católica, que estava entranhada no cotidiano familiar e social.

O texto de Buarque nos apresenta um país que, desde a sua origem, tem no meio rural o seu cerne, sendo ele o centro predominante de decisão sobre a vida na sociedade mais ampla. Além disso, trata-se de um meio rural hierarquizado e claramente organizado em torno de um poder centralizado nas mãos do senhor e de sua família. Tal hierarquização não foi completamente superada ao longo da história brasileira, manifestando-se de diferentes formas até o momento atual. O *conceito-movimento* Educação do Campo, ao se instituir, também dialoga e se contrapõe a esse modelo. Trata-se de pensar o meio rural, o campo, como espaço e lugar que deve ser entendido a partir de relações complexas e do reconhecimento dos diversos sujeitos que o fazem.

3 | RECONHECENDO O RURAL COMO LUGAR DIVERSO E EDUCATIVO: SOBRE UMA EDUCAÇÃO RURAL E POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Considerando as reflexões que fizemos no tópico anterior, bem como a importância de se reconhecer que há diferenças e complexidades, eivadas de contradições, entre os espaços rural e urbano na compreensão de suas próprias realidades, uma vez que há relações de poder e constituições específicas na composição deles, vamos tomar esses dois espaços numa relação de contínuo. Partindo dessa perspectiva, compreendemos que ambos têm sua importância na estruturação de uma sociedade e que estabelecem entre si relações de trocas, proximidade e influência mútua. Embora tenhamos essa percepção, a história revela que, no Brasil, como em outros países, há uma relação de hierarquia quando se pensa o urbano e o rural. O urbano sendo tomado como sinônimo de progresso, vida e determinação da vida do espaço rural, e este sendo pensado como lugar de transição, do atraso e de submissão aos valores e ditames do espaço urbano. Para Mendras (1969, p. 35), ao tomar a relação urbano e rural sob a perspectiva de cidade e campo, “a oposição entre cidade e campo é uma face da realidade, pois em outros aspectos a população de ambos faz parte de uma única sociedade”. Nesse sentido, o autor percebe que a sociedade mais ampla é constituída por ambos os espaços e, sobretudo, por seus sujeitos. Também compreendemos assim, embora haja uma relação histórica de depreciação do campo/rural em contraposição ao enaltecimento da cidade/urbano.

Seguindo na perspectiva de pensar o campo como espaço de relações tão dignas e ricas como o espaço da cidade, enxergamos no campo a diversidade e seu potencial criativo. De acordo com Fernandes (2004, p. 137),

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. Por isso tudo, o campo é lugar de vida, e, sobretudo, de educação.

Considerando esse olhar, compreendemos que o campo é um lugar vivaz, que possui suas riquezas próprias, e que, além disso, é um lugar educativo. O campo e os povos camponeses possuem suas identidades pessoais e coletivas e precisam ser vistos e ouvidos nas políticas públicas e práticas pedagógicas. Nesse sentido, é importante reconhecer as diversas realidades do campo e a necessária relação entre essa diversidade e o cotidiano escolar dos sujeitos do campo. Isto é, entrelaçar o modo de vida dessas pessoas e o lugar onde elas vivem aos processos pedagógicos para que, por meio dessa contextualização, haja uma significação no processo educativo delas. Esse movimento dialógico deve estar presente no ato educativo, em que a escola é espaço de aprendizagens, mas, também, de ressignificação das realidades de cada criança, adolescente ou jovem. Para Arroyo, Caldart e Molina (2011, p.14),

A escola pode ser um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Não para fechar-lhes

horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo.

Por muito tempo se falou em uma Educação Rural. Essa concepção não está esgotada, mas divide espaço nas reflexões e nos debates acadêmicos a respeito da educação voltada para o meio rural com o *conceito-movimento* Educação do Campo. É importante ressaltarmos que a Educação Rural tem e teve grande importância no processo de alfabetização e mais amplamente no processo de formação educativa dos povos do campo. No entanto, essa concepção traz consigo uma proposta de educação que, apesar de ser direcionada aos povos do campo, não possui o reconhecimento desses povos na matriz de suas propostas educativas. Do ponto de vista político, nega o envolvimento dos sujeitos camponeses no processo de luta e defesa de sua identidade de maneira mais organizada. Já a Educação do Campo é um conceito-movimento que considera os sujeitos e suas experiências nos processos educativos presentes nas diversas realidades de educação existentes no próprio campo. Essas experiências abrangem uma variedade de olhares sobre o mundo, a partir das próprias vivências dos sujeitos do campo.

A Educação do Campo possui importante expressão no que se refere ao fortalecimento da luta pela busca de uma educação com qualidade para as pessoas que moram nos espaços rurais. Existe um entrelaçar dessa educação com os movimentos sociais do campo. Para Caldart (2012, p. 257-258), “a Educação do Campo é fruto de um processo histórico, ‘nascendo’, inicialmente, como Educação básica do campo”, o que posteriormente veio a se tornar o que apresentamos aqui como a Educação do Campo. Queremos destacar, também, que esta é uma educação que respeita a diversidade do povo camponês e tem um compromisso com a mudança social, no sentido de minimizar desigualdades. Sobre isso, Caldart (2002, p. 22) aponta que a Educação do campo tem “como grande finalidade da ação educativa ajudar no desenvolvimento mais pleno do ser humano. [...] Não há como verdadeiramente educar os sujeitos do campo sem transformar as circunstâncias sociais”.

Outro aspecto a ser enfatizado é que o conceito Educação do Campo está em constante movimento, uma vez que acompanha a dinâmica social da materialidade camponesa, composta por fatos, pessoas, bem como pelos movimentos sociais, que lutam pelo reconhecimento, valorização e por direitos dos sujeitos do campo. Segundo Caldart (2008, p. 69-70), Educação do Campo é “um conceito em movimento como todos os conceitos, mas ainda mais porque busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica, por sua vez, a discussão conceitual também participa deste movimento da realidade”. É também nessa perspectiva que Leal (2012) utiliza a expressão *conceito-movimento* quando se refere à Educação do Campo, uma vez que sua história está em processo e ela é feita de lutas, disputas, negociações, avanços e recuos. Pensar o campo e a Educação do Campo é pensá-los numa relação na qual os aspectos culturais, sociais e políticos estão intimamente vinculados ao aspecto

educacional. É nessa perspectiva que apresentamos, no tópico a seguir, o relato de nossa primeira experiência com o universo da Educação do Campo.

4 | RELATO DA NOSSA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Durante nossa licenciatura no curso de Pedagogia, tivemos a oportunidade de aprofundar nossos estudos sobre a educação em diversos contextos, sendo um deles o contexto do campo. Logo que nos chegaram as primeiras informações sobre a Educação do Campo, especialmente sobre o processo de luta e os embates que estão em sua base e compõem a sua história, sobre a preocupação presente em seu conceito e movimento em reconhecer as peculiaridades, a diversidade e as potencialidades do meio rural, além de seu cuidado e elo com os sujeitos do campo, sempre os considerando partes essenciais no processo educativo, nasceu em nós um apreço e uma paixão por esse projeto de sociedade e esse conceito-movimento de educação que a cada dia aumenta, pois luta por um povo, por seus direitos e por seu lugar.

Queremos também expressar que os nossos primeiros contatos pessoais com o campo não foram constituídos por experiências ininterruptas. Não obstante, embora não regulares, nossas vivências com o campo sempre foram marcadas pela diversão e alegria. Elas se deram quando éramos criança, em nossas longas e intensas férias escolares, quando passávamos praticamente todo aquele período no sítio de uma tia. Ali, junto com primos e outros colegas que moravam lá, subíamos e descíamos serrotes, brincávamos no rio, tirávamos água do poço, apanhávamos os frutos das algarobas (frutos secos típicos do semiárido nordestino) para brincar de fazendinha na areia de um riacho. No início da manhã, soltávamos as cabras no pasto para, no final da tarde, recolhê-las. Também, brincávamos de “matar lagartixas” usando nossas baleeiras. As lembranças desagradáveis que temos se referem ao clima muito quente e à falta de chuvas e, conseqüentemente, a escassez de água, tão característico do Nordeste brasileiro. Mas, éramos crianças, não sabíamos a dimensão desse problema de fato. Apenas notávamos de forma pouco densa esse aspecto negativo.

Essa breve descrição de nossas primeiras relações pessoais com o campo reflete a nossa crença de que um dos aspectos mais belos e importantes que compõem a Educação do Campo é a apreciação e valorização do campo e do seu modo próprio de ser e se constituir, sendo o campo um lugar constituído por sujeitos, diversidade, belezas e muita vida.

Quando concluímos o curso de licenciatura em Pedagogia, tivemos o privilégio de poder trabalhar em uma escola municipal, junto a crianças da pré-escola e dos anos iniciais do ensino fundamental. Foi nessa instituição que tivemos nossas primeiras experiências com práticas que se vinculam com as características postas pelo projeto proposto no conceito Educação do Campo. Logo que começamos a ministrar as aulas,

notamos que havia algumas especificidades no modo de ser das crianças, moradoras da comunidade onde a escola estava inserida: uma região considerada rural, que pertence a um dos distritos que fazem parte do município de Campina Grande, na Paraíba. Percebemos que algumas crianças conversavam sobre eventos que tinham acontecido no sítio onde moravam, como, por exemplo, um procedimento veterinário que algum boi ou cavalo precisou passar ou até mesmo comentavam sobre algum animal que havia fugido. Outro aspecto que observamos diz respeito ao momento das brincadeiras: elas gostavam de brincar de fazendeiros, pegavam muitas vezes os lápis de colorir e faziam de conta que eram cavalinhos ou vaquinhas.

Veza por outra, durante a aula, alguma criança comentava ou nos perguntava sobre algum tipo de atividade que era própria do meio rural. Por exemplo, uma menina do 4º ano nos perguntou se nós sabíamos o que era “cavaleirão”, pois sua mãe costumava usar esse termo em casa, mas ela não sabia ainda do que se tratava. Nós falamos que, infelizmente, naquele momento, também não sabíamos o que era, mas que iríamos pesquisar para depois explicar. Porém, naquele momento, um menino que fazia parte da turma levantou a mão e se dispôs a explicar o que era o tal “cavaleirão”: ele afirmou ser o ato de preparar a terra para o plantio com o uso manual de uma enxada. Outro momento no qual percebemos a presença de marcas do meio rural e da comunidade dos quais aquelas crianças faziam parte foi nos registros das atividades de desenhos livres. Muitos desenhos traziam representações de galinhas, árvores, porcos, vacas e outros personagens que, na maioria dos casos, estão relacionados à vida no campo.

Ao observarmos essas peculiaridades que surgiram na sala de aula, logo nos lembramos do que estudamos durante a área de aprofundamento em Educação do Campo: que o processo educativo e a realidade dos sujeitos partícipes deste processo precisam interagir. Fundamentados nessa concepção, passamos a preparar atividades, contação de histórias e sugerir brincadeiras que tivessem uma maior relação com o campo e com as coisas do campo (REIS, 2011). Muitas vezes, criamos historinhas que eram contadas geralmente no início da aula e que tinham como personagens e cenários principais os animais, plantas, atividades e costumes que fazem parte do cotidiano rural daquela comunidade. Quando elaborávamos as atividades, sobretudo as de matemática, buscávamos construir questões e problemas nos quais pudessem ser inseridos também animais e elementos do campo. Brincávamos de amarelinha na areia de um espaço que fica na área de trás da escola, apreciávamos plantas e outros elementos da natureza que encontrávamos no derredor da escola, enfim, alinhamos nossa prática com aquilo que havíamos entendido ser uma concepção de educação que valorizasse o campo, os sujeitos do campo e os inserisse no processo educativo de alguma forma.

Os resultados a que chegamos foram considerados positivos: as crianças notavam que havia um empenho de nossa parte em trazer para a sala as questões do campo, sem partir de um olhar preconceituoso e negativo, mas, pelo contrário, buscando a valorização dessas questões. O interesse, envolvimento e a participação das crianças

a partir dessas nossas propostas pedagógicas aumentaram significativamente. Elas estudavam, aprendiam e vivenciavam práticas escolares que possuíam significado para elas, pois se sentiam parte do processo, visto que esse considerava o lugar delas.

O breve relato aqui apresentado aponta para a necessidade e pertinência de se considerar os sujeitos e seus pertencimentos nas propostas pedagógicas da escola. Não no sentido de restringir as experiências das crianças e dos estudantes, de um modo geral, mas de vinculá-los ao conhecimento a partir dos saberes que eles possuem por meio de suas experiências, que são sempre contextualizadas.

Esse primeiro contato com a realidade de uma escola do campo produziu em nós, recentemente inseridos numa prática pedagógica, a relação com os estudos realizados acerca da formação do próprio país, compreendida, sobretudo, por meio do texto de Holanda (1995), do *conceito-movimento* Educação do Campo e daquilo que é o fim maior de uma prática pedagógica: o encontro entre sujeitos, mediatizados por uma realidade que deve ser considerada na construção de conhecimento ali realizada.

5 | CONSIDERAÇÕES

Concluimos esse conjunto de reflexões desejando contribuir para o reconhecimento e a valorização do campo brasileiro, da Educação do Campo e dos sujeitos que habitam no meio rural, especialmente no que diz respeito à educação que se realiza junto a esses sujeitos. Nosso intuito é o de fortalecer cada vez mais os estudos que discorrem sobre a importância de um modelo educacional do e no campo, reconhecendo e valorizando esse espaço enquanto lugar educativo, diverso, vivo, portador de uma variedade imensa de culturas, de modos de vida, e que, com as suas diversas formas de trabalho e produção cotidianas, vêm sustentando e ao mesmo tempo participando de relações contínuas com os espaços urbanos, desde os primórdios do nosso país. Essas reflexões precisam alcançar os espaços da formação de professores – inicial e continuada - e das práticas pedagógicas e educativas. O Brasil, e o Nordeste especificamente, têm um vasto espaço rural, no qual habitam pessoas que não só têm modos de vida diversos, mas que continuam contribuindo para a formação do nosso país.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagma (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 14.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: **Educação do Campo: campo - políticas públicas - educação** / (org.) Clarice Aparecida dos Santos. Brasília: Incra, MDA, 2008.

CALDART, Roseli Salete. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIO, Paulo Ricardo e CALDART, Roseli Salete Caldart (orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n.º 4.

FERNANDES, B.M. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 133-145.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida. **Na mão e na contramão da política: a realização da política nacional de educação do campo em municípios do Cariri Paraibano**. Campina Grande, 2012. 208f. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande.

MENDRAS, Henri. A Cidade e o Campo. In: QUEIROZ, Maria Izaura.P(org.) **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

SOBRE OS ORGANIZADORES

JORGE GONZÁLEZ AGUILERA: Engenheiro Agrônomo (Instituto Superior de Ciências Agrícolas de Bayamo (ISCA-B) hoje Universidad de Granma (UG)), Especialista em Biotecnologia pela Universidad de Oriente (UO), CUBA (2002), Mestre em Fitotecnia (UFV/2007) e Doutorado em Genética e Melhoramento (UFV/2011). Atualmente, é professor visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no Campus Chapadão do Sul. Têm experiência na área de melhoramento de plantas e aplicação de campos magnéticos na agricultura, com especialização em Biotecnologia Vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: pre-melhoramento, fitotecnia e cultivo de hortaliças, estudo de fontes de resistência para estreses abiótico e biótico, marcadores moleculares, associação de características e adaptação e obtenção de vitroplantas. Tem experiência na multiplicação “on farm” de insumos biológicos (fungos em suporte sólido; *Trichoderma*, *Beauveria* e *Metharrizium*, assim como bactérias em suporte líquido) para o controle de doenças e insetos nas lavouras, principalmente de soja, milho e feijão. E-mail para contato: jorge.aguilera@ufms.br

ALAN MARIO ZUFFO: Engenheiro Agrônomo (Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/2010), Mestre em Agronomia – Produção Vegetal (Universidade Federal do Piauí – UFPI/2013), Doutor em Agronomia – Produção Vegetal (Universidade Federal de Lavras – UFLA/2016). Atualmente, é professor visitante na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS no Campus Chapadão do Sul. Tem experiência na área de Agronomia – Agricultura, com ênfase em fisiologia das plantas cultivadas e manejo da fertilidade do solo, atuando principalmente nas culturas de soja, milho, feijão, arroz, milheto, sorgo, plantas de cobertura e integração lavoura pecuária. E-mail para contato: alan_zuffo@hotmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-454-2

